

LINGUASAGEM

SER OU NÃO SER DAQUI: UMA ANÁLISE DO ETHOS DISCURSIVO NAS ELEIÇÕES PARA A PREFEITURA DE PORTO VELHO EM 2020

Lucas Martins Gama KHALIL¹

Resumo

Este trabalho objetiva analisar a constituição discursiva das imagens de enunciador em um debate para a prefeitura de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, ocorrido em 2020. A análise fundamenta-se no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, especificamente, a partir de conceitos – como o de *ethos* discursivo – desenvolvidos por Dominique Maingueneau. Complementarmente, relaciona-se a questão do *ethos* à discussão sobre a produção da identidade no discurso político/eleitoral, realizada por Patrick Charaudeau, e ao funcionamento de índices de alocação, conforme abordagem de Ruth Amossy concernente à argumentação. Tem-se a hipótese de que a relação do político com a cidade (seja de proveniência ou não) se configura como um tema imposto nas apresentações dos candidatos, constituindo, assim, elemento fundamental de seus *ethé*.

Palavras-chave: Ethos; discurso político; Porto Velho; identidade.

Abstract

This work aims to analyze the discursive constitution of the enunciator images in a debate for the mayoral election of the city of Porto Velho, capital of the state of Rondônia, which took place in 2020. The analysis is based on the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis, specifically, from concepts – such as discursive *ethos* – developed by Dominique Maingueneau. Complementarily, the issue of *ethos* is related to the discussion on the production of identity in political/electoral discourse, carried out by Patrick Charaudeau, and to the functioning of allocation indexes, according to the approach by Ruth Amossy concerning the argumentation. It is hypothesized that the politician's relationship with the city (whether he comes from or not) is configured as an imposed theme in the presentations of the candidates, thus constituting a fundamental element of their *ethé*.

Keywords: Ethos; political discourse; Porto Velho; identity.

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: lucas.khalil@unir.br.

Introdução

No discurso político-eleitoral, os candidatos frequentemente precisam empreender uma apresentação de si, seja em debates pré-eleições, seja nas propagandas que circulam nas diversas mídias. Nesse processo de constituição de uma imagem aos enunciadores, um dos elementos que pode emergir, em maior ou menor grau e de diferentes modos, é a relação de pertencimento (não necessariamente de proveniência, nascimento) que a figura política estabelece com a localidade na qual disputa o cargo. Em cidades cuja população se compôs, sobretudo em um período mais recente, por meio de fluxos migratórios, como é o caso de Porto Velho (e, por extensão, o estado de Rondônia e parte da região Norte), essa relação de pertencimento tende a ganhar destaque; pode-se hipotetizar, inclusive, que venha a exercer a condição de um tema que os vários posicionamentos no interior de um campo discursivo, cada um à sua maneira, precisam levar em consideração para que se legitimem.

Porto Velho, capital de Rondônia, fundada em 1917, tem hoje uma população de aproximadamente 540 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE². Embora tenha sido fundada há mais de cem anos, há picos de aumento populacional que coincidem com os incentivos migratórios federais, sobretudo a partir da década de 1970. Segundo a Revisão do Plano Diretor Participativo do Município (2018), entre as décadas de 1980 e 1990, a população porto-velhense mais que duplicou. O documento ainda afirma, baseando-se no Censo de 2010, que 35% da população é oriunda de outros estados do país. Tendo em vista a informação relativa ao aumento populacional, pode-se inferir que grande parte dos nascidos no município seja composta por filhos de não porto-velhenses que chegaram à cidade a partir da década de 1980. Além disso, ao se considerar a parcela dos indivíduos que concorrem a cargos como governador e prefeito, majoritariamente pessoas acima dos 30 anos, a probabilidade de serem nascidos na cidade é ainda menor.

Diante das informações demográficas apontadas anteriormente, o “ser ou não ser daqui”, em se tratando da cidade de Porto Velho, não é uma questão simples de responder. É justamente devido a essa complexidade que ela, tacitamente, faz-se presente no discurso político-eleitoral do município, especialmente nos momentos em que os candidatos fazem suas apresentações. Isso ocorre no objeto deste artigo, que é

² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/porto-velho/panorama>. Acesso em 03 jun. 2021.

um debate promovido pelo jornal *online* Rondoniaovivo³, transmitido em 12 de novembro de 2020, poucos dias antes do primeiro turno das eleições. Do debate, de quase quatro horas de duração, voltar-se-á a atenção para as falas iniciais (de um minuto) de cada candidato. Tem-se a hipótese de que a relação do político com a cidade (seja de proveniência ou não) se configura como um tema imposto (MAINGUENEAU, 2008) nas apresentações dos candidatos, constituindo, assim, elemento fundamental de seus *ethé*.

Vale ressaltar que este trabalho objetiva empreender uma discussão preliminar que se articula a um projeto de pesquisa previsto para ser desenvolvido em 2022, no âmbito do PROCAD/Amazônia⁴ - Programa Nacional de Cooperação Acadêmica. O projeto geral tem como título principal “Diásporas Amazônicas” – portanto, relacionado, dentre outras coisas, às migrações para a região Norte – e o plano de trabalho a ser desenvolvido por este pesquisador terá como objetivo analisar, no discurso político-eleitoral, a constituição discursiva da relação dos candidatos com o estado de Rondônia (não apenas a sua capital, como neste artigo), enquanto “pertencentes”, de variadas maneiras, ao local.

A análise aqui proposta fundamenta-se no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo, a partir dos estudos desenvolvidos por Dominique Maingueneau (2011; 2015; 2020) sobre o conceito de *ethos* discursivo. Pretende-se, também, relacionar, a questão do *ethos* à produção da identidade no discurso político/eleitoral, em diálogo com Patrick Charaudeau (2016), e ao funcionamento dos índices de alocação, conforme abordagem de Ruth Amossy (2018) concernente à argumentação no discurso.

O artigo é constituído por esta introdução e mais três seções: a primeira delas tem caráter teórico e apresenta o conceito de *ethos* discursivo e as categorias a ele associadas, com base em Maingueneau, além de estabelecer relações com a questão da identidade na produção da imagem de enunciador no campo político; na segunda seção, são realizadas as análises das apresentações iniciais dos candidatos à prefeitura de Porto Velho no debate supramencionado, focalizando a relação, discursivamente constituída, entre o enunciador e o município; por fim, as considerações finais sintetizam as

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ostQhYSaU6Y&ab_channel=RondoniaovivoWebJornal. Acesso em 04 abr. 2021.

⁴ Projeto: Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade. Edital: PROCAD Amazônia - Linha 1 - n. 88887.200508/2018-0. Instituições envolvidas: UNIR, UFPA e UNEMAT.

discussões do trabalho, além de propor questões a pesquisas futuras – especialmente, ao plano de trabalho citado, que terá um escopo mais amplo.

Ethos discursivo e a constituição de uma identidade vinculada ao local

A questão das representações imaginárias, e como elas se constituem no discurso, é fundamental no quadro teórico da Análise do Discurso – especificamente a inaugurada por Michel Pêcheux na França na década de 1960. Nessa teoria, não se coloca em questão a transmissão de “mensagens” entre emissor e destinatário, mas a produção de efeitos de sentidos entre sujeitos constituídos sócio-historicamente. Os sujeitos estão relacionados a posições em uma formação social; no entanto, estas não se referem a posições empíricas, e sim ao modo como, para determinado discurso, essas posições são imaginariamente representadas. Disso decorre um dos pressupostos metodológicos básicos da Análise do Discurso: deve-se considerar a relação constitutiva entre o processo de produção – de base linguística – do discurso e as suas condições de produção, de caráter sócio-histórico.

Dominique Maingueneau, teórico francês que apresenta contribuições aos estudos do discurso, principalmente, a partir da década de 1980, não deixa de considerar a relação constitutiva entre o funcionamento da língua em uso e o funcionamento ideológico, que determina as produções discursivas a partir da inscrição dos sujeitos em posicionamentos em dadas condições sócio-históricas. Embora existam pontos em que se observe filiação a pressupostos da Análise do Discurso pêcheuxtiana, as propostas de Maingueneau não se constituem como mero “prolongamento” teórico. A noção de interdiscurso, somente para citar um exemplo, já presente na teoria de Pêcheux (1997), é também crucial aos estudos de Maingueneau, ainda que haja especificidades metodológicas que diferenciem os dois autores, como a abordagem do interdiscurso, no segundo, a partir de uma tríade: universo, campo e espaço. Pode-se ressaltar como uma constante dos estudos de Maingueneau a preocupação com a dimensão enunciativa; conceitos como os de cenas de enunciação e dêixis discursiva, por exemplo, tornam manifesta essa perspectiva. Por esse motivo, alguns autores, como Baronas e Ponsoni (2019), tem se referido à abordagem de Maingueneau como uma “Análise de Discurso de base enunciativa”.

O primeiro parágrafo desta seção teórica, que remonta à Pêcheux, justifica-se pela relação entre o *ethos* discursivo, conceito proposto por Maingueneau, e as

representações imaginárias constitutivas dos discursos. O conceito de *ethos* não é formulado inicialmente no interior da Análise do Discurso; ao contrário, ele está presente, sobretudo, nos estudos da argumentação desde o que se conhece como Retórica Clássica, passando por diversas perspectivas dos estudos da linguagem já no século XX, como a Análise da Conversação e a Semântica Argumentativa. Quando Maingueneau “traz”, por assim dizer, esse conceito à Análise do Discurso, não é para inseri-lo do modo como fora formulado alhures, e sim para possibilitar questionamentos relacionados aos processos discursivos que determinam a constituição da imagem de enunciador. O *ethos* discursivo passa a ser concebido como um dos efeitos da inscrição do sujeito em dada formação discursiva, e não como fruto de um cálculo do orador para que este construa, em relação ao auditório, uma boa impressão de si. Maingueneau (2015) não restringe o estudo do *ethos* aos textos considerados como “argumentativos”, tampouco às enunciações orais. Conforme o teórico, toda manifestação discursiva, seja ela escrita ou oral, possibilita a constituição de uma “voz”, de um tom que se apresenta como legítimo a determinado posicionamento.

Se, para Maingueneau (2015, p. 17), o *ethos* “[...] não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica”, deve-se considerar que o que funciona nos discursos não é uma imagem de enunciador de alcance universal e a-histórico, mas diferentes modos de enunciação que caracterizam as restrições semânticas de cada discurso. A produção de um *ethos* envolve, fundamentalmente, uma “representação avaliada, pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados” (MAINGUENEAU, 2020, p. 9). O “supostamente” da citação é importante, pois o analista do discurso lida com os efeitos de sentido, e um *ethos* hipoteticamente “pretendido” não necessariamente resulta no *ethos* produzido.

Para delimitar metodologicamente a abordagem sobre a imagem de enunciador, Maingueneau (2015) propõe que o estudo do *ethos* considere um conjunto de *ethé* que se inter-relacionam: primeiramente, o *ethos* discursivo é dividido em *ethos* dito – resultante do que o enunciador diz sobre si mesmo – e *ethos* mostrado – decorrente de um modo de enunciar que sugere determinada imagem ao enunciador; além destes, há o *ethos* prévio (ou pré-discursivo), que se refere a antecipações sobre a imagem de enunciador antes que este enuncie, representações que se devem, dentre outros fatores, ao gênero discursivo, à identificação a um posicionamento ou mesmo a um nome de autor. É importante salientar que a fronteira entre o dito e o mostrado é muitas vezes

bastante tênue, e que os *ethé* pré-discursivo e discursivo não são “etapas” sucessivas, mas elementos que funcionam em diálogo constante na produção de sentidos.

Na teorização de Maingueneau (2015; 2020), a imagem de enunciador atua como “fiadora” do discurso, ou seja, é por meio de determinado tom que se confere legitimidade à enunciação. Essa figura do fiador está ligada, de acordo com o teórico, a um “caráter” – relacionado a um conjunto de traços de comportamento – e a uma “corporalidade” – que envolve, dentre outros fatores, uma compleição física, um modo de se vestir e de se mover no espaço social. Enquanto representações colocadas em cena pelos discursos, o caráter e a corporalidade não se referem, respectivamente, a uma constituição psicológica e a um corpo do ponto de vista empírico, mas a funcionamentos que se apoiam “em um conjunto difuso de representações sociais estereotipadas, valorizadas ou desvalorizadas, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2020, p. 14). Observa-se, novamente, a especificidade da abordagem discursiva do *ethos*, visto que não é possível separar a imagem de enunciador de uma conjuntura sócio-histórica e dos posicionamentos que nela se constituem.

Ainda em se tratando dos aspectos teórico-metodológicos para o estudo do *ethos* discursivo, uma questão se torna necessária: como designar *ethé* que emergem nos textos? É possível se referir, por exemplo, a “*ethos* agressivo” e “*ethos* do camponês”, mas são designações que não parecem pertencer a uma mesma forma de categorização. É por isso que Maingueneau (2020) propõe três dimensões que, segundo ele, interagem fortemente: as dimensões categorial, experiencial e ideológica. Na dimensão categorial, engloba-se tanto papéis discursivos (pregador, mediador etc.), quanto estatutos extradiscursivos (pai de família, advogado, solteiro, francês); na dimensão experiencial, estão caracterizações sociopsicológicas estereotípicas (lentidão, agressividade, benevolência etc.); e, por fim, na dimensão “ideológica” – entre aspas, pois não se trata de afirmar que as outras dimensões não se constituam ideologicamente –, remete-se a designações de posicionamentos em determinado campo discursivo: conservador, esquerdista, evangélico etc. Ao ressaltar que as dimensões interagem entre si, o teórico explica que um *ethos*, em uma mesma cena de enunciação, pode ser caracterizado a partir de dimensões distintas: por exemplo, o *ethos* de “mãe”, em uma dimensão categorial, reforçado pela imagem de benevolência ou afeto, em uma dimensão experiencial.

Com relação ao objeto deste trabalho, uma das possíveis contribuições ao quadro teórico é problematizar o fato de Maingueneau (2020) apontar “americano” como um dos exemplos da dimensão categorial, enquanto “estatuto extradiscursivo”. No caso em que o local de nascimento (ou mesmo de vivência por significativo tempo) é colocado em cena pelo enunciador para legitimar sua fala, tal funcionamento resumir-se-ia à delimitação de um estatuto extradiscursivo, como poderia ocorrer a partir da hipotética identificação de um estereótipo do “americano” (ou do porto-velhense)? A partir das análises, espera-se que problematizações como essa possam fomentar contribuições teóricas que considerem especificidades pertinentes ao funcionamento do discurso político-eleitoral em questão, mas também a outros objetos em que o “gentílico”, por assim dizer, seja um elemento reivindicado pelo enunciador na constituição do *ethos*.

As perspectivas teóricas de Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau não são totalmente intercambiáveis; o uso da noção de “manipulação”, por parte do segundo autor, por exemplo, seria bastante problematizado a partir do quadro teórico adotado neste artigo. No entanto, há reflexões de Charaudeau (2016) sobre a questão da identidade no discurso político que podem contribuir para os objetivos do presente trabalho. Em sua obra *A conquista da opinião pública*, o estudioso aborda o processo de diferenciação, no qual os grupos se veem imersos em duplo movimento “de fechamento sobre si (força centrípeta) e/ou de abertura para o outro (força centrífuga). Confrontado com a diferença do outro, o grupo pode sentir-se ameaçado em sua identidade e tentar diferenciar-se para afirmá-la” (CHARAUDEAU, 2016, p. 29). Quando se exacerbam as diferenças, o sujeito que exalta os valores que seriam característicos determinado grupo enuncia por vezes em nome da preservação ou conquista de um território. Charaudeau (2016) exemplifica esse funcionamento com o conflito israelense-palestino, mas se trata de uma reflexão que não é alheia ao objeto deste trabalho, afinal, quando o político porto-velhense enfatiza seu local de nascimento, opõe-se tal relação de pertencimento a um político “estrangeiro”, em certa medida, “invasor”; por outro lado, quando um político não porto-velhense recorre ao tempo em que chegou à cidade (geralmente a década de 1980) para desbravá-la, emerge uma outra relação de pertencimento, que, porém, não deixa de se relacionar ao território, mesmo que na perspectiva da sua “conquista”.

Em situações de hibridação – como ocorre na confluência de populações para uma região em comum –, podem emergir discursos que se apresentem como defensores da não desagregação do grupo. É preciso, nesses casos, que “seus membros possam

referir-se a um valor comum que lhes sirva de “superego” identitário. Os membros de um determinado grupo necessitam de um vínculo identitário a ser colocado acima de sua identidade de origem” (CHARAUDEAU, 2016, p. 32). Ao colocar em segundo plano, por exemplo, o fato de ter ou não nascido em dada localidade, possibilita-se ao político falar justamente do lugar “de todos”, da “confluência de povos”, e isso caracteriza, em parte, seu *ethos* diante dos eleitores.

Embora Charaudeau (2016) não mobilize os mesmos elementos que Maingueneau para o estudo do *ethos*, trata-se de um conceito que aparece na obra supracitada. É uma das contribuições importantes diz respeito às condições para o enunciador, sobretudo, no campo político, ser credível. A primeira delas é a “condição de sinceridade” (o que se diz corresponde ao que se pensa); a segunda é a “condição de saber” (pensa-se a partir da razão, do que efetivamente se sabe); e, por último, a “condição de desempenho” (tem-se os meios de aplicar o que se anuncia ou promete). É importante questionar, considerando o objeto deste artigo: a qual dessas condições integrar-se-ia a relação identitária com a localidade em que se nasceu ou em que se vive? Pode-se supor que haveria uma ligação mais direta com a “condição de saber”, tendo em vista que “nascer” ou “viver aqui há muito tempo” seriam representados, no discurso, como formas de se opor a “forasteiros”, de enunciar, em outras palavras, com “conhecimento de causa”.

Outra referência teórica trazida para este trabalho é a pesquisadora Ruth Amossy (2018), que tem se debruçado, dentre outras questões, sobre a relação indissociável entre argumentação e discurso. Segundo ela, mesmo os discursos que não apresentam “visada argumentativa” – isto é, que não apresentam um propósito manifesto voltado à persuasão, ao convencimento – também estão envoltos por uma “dimensão argumentativa”, na medida em que atuam no sentido de reforçar/modificar certas representações colocadas em cena pelo discurso. No caso do objeto deste artigo, trata-se de um discurso de visada argumentativa, como é característico do âmbito político, especialmente, em situações de campanha eleitoral.

Um elemento fundamental abordado por Amossy (2018, p. 58) na sua proposta de análise argumentativa é a “construção do auditório”, que, de acordo com ela, “se efetua no próprio texto”. No *corpus* desta pesquisa, é bastante significativo o funcionamento do que a autora, em diálogo com Catherine Kerbrat-Orecchioni, denomina “índices de alocação”, pois os candidatos, para marcar sua relação com a cidade, recorrentemente postulam um outro, seja ele representado como parte de um

grupo no qual o enunciador se inclui, seja representado como integrante de um grupo que será “atendido” pela equipe que pretende gerir a cidade. Assim como a perspectiva teórica de Maingueneau confere à enunciação um lugar privilegiado no funcionamento discursivo, Amossy (2018, p. 60), ao discorrer sobre os índices de alocação, ressalta: “A linguística da enunciação herdada de Benveniste oferece instrumentos preciosos para a análise da argumentação no discurso”.

Especificamente quanto aos índices de alocação, Amossy (2018) os esquematiza em possíveis modos de emergência nos discursos: há as designações nominais explícitas, sobretudo funcionando como vocativos (por exemplo, “juventude revolucionária”, “caros amigos”, “meus senhores”); as descrições do auditório, que expandem, por assim dizer, os vocativos, desenvolvendo descrições em sintagmas mais extensos (por exemplo, “vocês que defendem a liberdade de imprensa”); e os pronomes pessoais (“você/vocês”, “nós”, englobando ou não o enunciatário”, dentre outros). Amossy (2018) afirma que, quando os índices de alocação estão ausentes, a constituição do outro pode se dar pelas “evidências compartilhadas”, formas de se recorrer aos objetos de saber assumidos por determinado grupo (“É sabido/evidente que...”).

A última questão teórica a ser abordada nesta seção concerne à hipótese aventada na introdução do artigo: de que, no discurso político-eleitoral de Porto Velho, a relação com a cidade (de proveniência ou não) se configuraria como um “tema imposto” a todos os posicionamentos em disputa. É necessário esclarecer que a noção de tema imposto é desenvolvida por Maingueneau em *Gênese dos Discursos* quando o autor propõe que a análise de um discurso deve considerar sua “semântica global”, isto é, a análise não deve se ater apenas a um dos planos – como o vocabulário, por exemplo –, mas considerar as diferentes dimensões nas quais o discurso ganha materialidade: o modo de enunciação, o estatuto do enunciador e do enunciatário, a dêixis discursiva, o modo de coesão etc. Os temas – impostos e não impostos, compatíveis e incompatíveis – também compõem uma dessas dimensões. Sobre os temas impostos, Maingueneau (2008, p. 84) afirma:

No discurso político-eleitoral, por exemplo, em dada conjuntura [...] todo discurso que quer ser aceito é obrigado a se impor determinado número de temas: ampliação das liberdades, segurança dos cidadãos, qualidade de vida etc... serão tratados diferentemente pelos discursos, que são obrigados a abordá-los.

Os temas impostos, segundo o teórico, podem ser compatíveis ou incompatíveis com um determinado posicionamento no interior do campo. Mesmo diante de um tema incompatível, o posicionamento é obrigado a integrá-lo de alguma forma. O exemplo a que Maingueneau recorre para explicar esse funcionamento refere-se ao seu estudo sobre os discursos jansenista e humanista devoto, no campo religioso da França do século XVII. O discurso jansenista sustenta-se a partir de uma ruptura entre o que é terreno e o que é divino, rejeitando qualquer tipo de “mistura”; porém, enquanto posicionamento com bases no Cristianismo, ele não pode apagar, por exemplo, a figura de Maria, mãe de Jesus. Por isso, em se tratando de um tema “incompatível”, mas imposto, o jansenismo o integra ao seu modo, retratando Maria como um bom exemplo de submissão a Cristo, nada próximo a uma relação de devoção. Em nosso objeto, pode-se supor, de uma forma análoga, que o enunciador – na posição de candidato à prefeitura de Porto Velho – mesmo que não possa dizer “sou nascido aqui”, precisa encarar a suposta incompatibilidade desse tema imposto, exercendo outras formas de constituição de si que atendam a um efeito de pertencimento ao município.

Os candidatos e as apresentações de si no debate

Conforme adiantado na introdução deste artigo, tem-se como objeto de análise um debate promovido pelo jornal *online* Rondoniaovivo, transmitido em 12 de novembro de 2020, poucos dias antes do primeiro turno das eleições⁵. Do debate, de quase quatro horas de duração, volta-se a atenção para as falas iniciais dos candidatos. Essas participações, de um minuto cada, são reservadas para que os políticos se apresentem, e no desenrolar desse enunciar sobre si podemos observar o funcionamento tanto do *ethos* dito, quanto do *ethos* mostrado, o que justifica, em parte, o recorte realizado neste artigo.

A seguir, são apresentadas as transcrições das falas iniciais do debate, seguindo a ordem em que os candidatos se pronunciaram. Após cada transcrição, estão inseridas entre colchetes informações sobre local de nascimento e, dependendo do caso, chegada a Porto Velho ou Rondônia, conforme quantidade de dados disponíveis de forma pública. Faz-se a ressalva de que a inserção dessas informações não significa que o foco deste trabalho seja o indivíduo empírico; porém, em se tratando da constituição da

⁵ A candidata Cristiane Lopes (PP), que foi ao segundo turno com Hildon Chaves (PSDB), não participou desse debate, pois havia contraído Covid.

imagem de enunciador – sobretudo, relacionada a um efeito de pertencimento à cidade – , tais informações ganham pertinência, visto que se relacionam, inclusive, ao *ethos* prévio, que, na enunciação, pode vir a ser reforçado ou modificado.

- 1) **Dr. Breno Mendes (Avante):** Sou dr. Breno Mendes, sou pai de cinco filhos, sou avô da Maitê, que tem sessenta dias, tenho qualificação profissional, sou servidor público, tenho experiência em gestão... tanto na gestão estadual e também como... municipal. Conheço Porto Velho como poucos. Fui morador do bairro Caladinho durante trinta anos, quando o bairro Caladinho ainda era invasão. Verdadeiramente, quando fico doente, eu não tenho plano de saúde, porque minha família é muito grande, então eu não conseguiria pagar pra todos. Eu vou pro posto de saúde, eu vou pra UPA Sul, vou pra UPA leste, vou pro Ana Adelaide. E SEI a dificuldade de Porto Velho. E pela minha indignação, sabendo o que eu posso fazer, sendo ficha limpa, pessoa responsável, pai e avô, eu decidi mudar a TRISTE realidade que Porto Velho se encontra, fazendo a diferença pra você e sua família. [natural de Cratêus-CE em 1978, chegou em Rondônia aos sete anos de idade]
- 2) **Sargento Eyder Brasil (PSL):** Olá, meus amigos, eu sou Eyder Brasil do Carmo, porto-velhense NATO, nascido e criado aqui. Nasci nas margens do Rio Madeira, sou pai, sou filho, sou esposo, sou cristão. Já fui ministro da Eucaristia e da Palavra da Igreja Católica, sargento do exército [faz continência], ficha limpa, passado ilibado, é... administrador e pós-graduado em Administração Pública e Orçamentária. Eu fui o único... sou o único candidato de DIREITA aqui em Porto Velho, legítimo apoiador do nosso presidente Jair Bolsonaro, único candidato a escancarar, a denunciar aquilo que... aquela omissão que essa atual gestão e do seu grupo político, único candidato que trouxe aos porto-velhenses a realidade da nossa Porto Velho. As nossas propostas que trazemos nessa campanha são propostas exequíveis. Isso é muito mais do que cuidar de você. Isso é trabalhar por você [continência]. Que Deus abençoe Porto Velho! Que Deus abençoe todos nós! [nascido em Porto Velho em 1978]
- 3) **Hildon Chaves (PSDB):** Boa noite, Porto Velho! Muito obrigado por estar nos recebendo nas suas casas com tanto carinho, com tanto amor. Nós somos candidatos à reeleição por uma razão muito simples: nós queremos continuar trabalhando por Porto Velho, levando progresso pra nossa cidade de Porto Velho e, sobretudo, continuar as principais obras que nós estamos executando, em especial o maior programa de asfaltamento da história da capital. Isso sem se falar no maior programa de iluminação pública e tantas outras conquistas que... que nós conseguimos nesses últimos quatro anos. Porto Velho não pode regredir. Porto Velho tem que continuar avançando e, pra isso, nós estamos aqui colocando nosso nome mais uma vez à disposição da população. Muito obrigado, saudações a todos. [nascido em Recife-PE em 1968; veio para Rondônia na década de 1990]
- 4) **Leonel Bertolin (PTB):** Boa noite a todos! Leonel Bertolin, catarinense, filho de agricultor. Vim pra Rondônia em 1983, sou casado há trinta e um anos, pai de quatro filhos, aonde, aqui em Rondônia eu construí uma vida, construí minha família, estou aqui hoje. Formado em Direito, também tive em 2007 um problema de saúde, no qual

eu tive uma sensibilidade no meu rosto, por isso que às vezes eu tenho dificuldade pra falar. Portanto, em 2010 eu perdi um filho assassinado e nem por isso deixei de terminar meu curso de Direito. Eu sempre confiei no trabalho e acredito nas pessoas que trabalham. Também tenho certeza que Porto Velho precisa de um prefeito que realmente possa facilitar a vida das pessoas, de quem trabalha, de quem empreende, de quem realmente acredita nessa cidade. Porto Velho precisa de um Porto... de um prefeito que levante cedo e que abraçe o seu povo. [nascido em Galvão-SC em 1964; veio para Rondônia em 1983]

5) **Pimenta de Rondônia (Psol):** Boa noite a todos e a todas e aos internauta! Eu sou o Pimenta de Rondônia, candidato a prefeito e o meu vice é o pastor Raimundo, meu número é 50. Sou casado com a advogada Rute Morimoto, funcionária pública, sou pai de três filhos, do Elvis, da Simone e do Lucas, que está aqui me acompanhando. Eu vivo em Rondônia há cinquenta anos e já há quase quarenta em Porto Velho. Então, cinquenta anos de Rondônia, tem muito candidato que ainda não tinha nascido quando eu cheguei aqui. Pioneiro... que enfrentamos aqui, a malária, as doenças tropicais e, também, vimos muitas pessoas agora com esse Covid falecer. Quero aqui ao mesmo tempo me solidarizar com as famílias que perderam seus entes querido pra uma doença muito grave e perigosa. Então, tenham cuidado! Principalmente na rua as formiguinha fazendo campanha. [nascido em Cidade Gaúcha-PR em 1965; veio para Rondônia aos quatro anos de idade]

6) **Ramon Cujuí (PT):** Boa noite, Cícero! Boa noite, candidatos! Boa noite, auditório! Boa noite a você internauta que nos assiste e nos permite entrar na sua casa nesse momento e aos telespectadores da Rema TV. Eu sou Ramon Cujuí, tenho cinquenta anos, sou filho de Porto Velho, sou nascido e criado nessa terra, filho do seu Augusto, da dona Marina. Essa terra é meu lar, essa terra é minha casa, essa terra é meu aconchego e é por isso que nós apresentamos o nosso nome para prestar serviço a esse lugar que tanto nos deu. Tudo que eu tenho na minha vida eu conquistei em Porto Velho e pretendo, como prefeito, prestar esse serviço como forma de gratidão. A nossa candidatura é uma candidatura que traz a aliança das forças mais progressistas da nossa cidade, das forças que querem uma Porto Velho melhor, uma Porto Velho mais humana, uma Porto Velho pra gente. E podem ter certeza que nós faremos da prefeitura exercer o seu papel... que a prefeitura de Porto Velho exerça o seu papel de prestadora de serviço público de qualidade e também de indutora do desenvolvimento econômico-social da nossa gente. [nascido em Porto Velho em 1970]

7) **Coronel Ronaldo Flores (Solidariedade):** Boa noite a todos! Sou o coronel Ronaldo Flores, candidato a prefeito pelo Solidariedade, com número 77, nossa vice é a pastora Sila. Sou casado há trinta e dois anos, pai de três filhos e avô. Sou militar da Polícia Militar, oficial da Polícia Militar, já em processo de reserva, fui comandante da PM nos últimos dois anos. Sou bacharel em Direito, especialista em Direito Civil e Processo Civil. Estamos na condição de candidato nesse pleito eleitoral por entendermos que Porto Velho precisa de um gestor, Porto Velho precisa de alguém que saiba administrar, de alguém que tenha competência e que tenha uma equipe profissional e técnica capacitada para elaborar os projetos para desenvolver e para executá-los. E assim nós lançamos o nosso nome, porque entendemos que a população de Porto Velho precisa dessa gestão competente para que o nosso município possa desenvolver e as pessoas

que aqui morem possam ter alegria e prazer de viver neste município, um município tão belo. [nascido em Santa Maria-RS em 1968; vive em Rondônia há 26 anos]

8) Samuel Costa (PCdoB): Boa noite a todos e a todas! Pra mim é motivo de alegria e satisfação pessoal poder estar participando desse grande debate democrático. Sou Samuel Costa, professor, jornalista, graduado em Direito, especialista em Ciência Política e mestrando de Ciências da Educação. Sou pai da Sofia Costa, que nesse exato momento está nos assistindo e em nome dela quero aqui deixar o nosso compromisso de vida, a luta do nosso coração em promover a educação básica em sua plenitude, seja no perímetro urbano, seja no perímetro rural. Nesse sentido, quero aqui externar minha alegria pelas mensagens de ânimo e entusiasmo... Nosso tempo de televisão é muito pequeno, nós temos só quinze segundos, e eu peço encarecidamente que você internauta do Rondoniaovivo, da Rema TV, telespectador, me dê a oportunidade no próximo domingo de chegar ao segundo turno e aí com mais tempo de televisão a gente apresentar com clareza e muita objetividade o nosso plano de governo que certamente ajudará, ao menos, minimizar o sofrimento de nossos irmãos e irmãs hipossuficientes que precisam verdadeiramente duma atenção, de um olhar humano do poder público. [nascido em Porto Velho em 1989]

9) Vinícius Miguel (Cidadania): Boa noite! Eu sou o Vinícius Miguel, candidato a prefeito na coligação “Porto Velho em Boas Mãos”. Eu tenho a melhor vice dentre todos os candidatos, Eline Braga, uma mulher, negra, tenente da Polícia Militar, uma pessoa das mais sérias e íntegras que eu já conheci. Tal qual eu, uma pessoa que não vai roubar, nem deixar roubar. Nós vamos administrar Porto Velho daqui da cidade [apontando para baixo]. Eu serei um prefeito presente, não admitirei qualquer deslize ou equívoco da minha equipe. Pretendo montar uma equipe técnica e é dessa maneira que nós colocaremos Porto Velho em boas mãos. Faremos a melhor gestão que Porto Velho já teve. Por isso eu preciso do seu voto, eu preciso que você vote nos candidatos também da minha coligação, os candidatos do número 23, do número 12 e do número 18. E eu peço seu voto para prefeito, Vinícius Miguel e vice-prefeita Eline Braga, 23. Muito obrigado! [nasceu em Goiânia em 1985; cresceu em Porto Velho]

10) Lindomar Garçom (Republicanos): Boa noite a todos! Sou Lindomar Garçom. É... coloco-me, meu nome à disposição como pref... como candidato a prefeito de Porto Velho. Tenho experiência de gestão, sou formado em Gestão Pública, dois mandatos de prefeito, eleito o melhor prefeito do Estado de Rondônia pelo SEBRAE nacional como prefeito-empresendedor, três mandatos de deputado federal, além disso, é... ultimamente coordenador da bancada federal, no qual no nosso trabalho conseguimos destinar bastante recursos para Porto Velho. Quero aqui cumprimentar a minha vice-prefeita, Milene Barreto, minha esposa Sirlei Santos, minhas três filhas, sou cristão, e nesse momento eu coloca a minha experiência política, né... a minha disposição de poder fazer mais pela nossa cidade, pelo nosso município. Quero dizer a todos que estou preparado para ser o prefeito de Porto Velho e enfrentar os grandes desafios que surgem a cada dia, a cada momento na nossa capital. [nasceu em Rondonópolis-MT em 1969; chegou a Rondônia com 16 anos]

11) Edvaldo Soares (PSC): Olá, quero cumprimentar a todos que acompanham esse debate através da Rema TV, através do Rondoniaovivo e de outros sites que estão

transmitindo. Cumprimentar a minha esposa que me acompanha aqui, quero cumprimentar o meu pastor Valadares, pastor [incompreensível], quero cumprimentar cada um de vocês. Sou Edvaldo Soares, jornalista, conhecedor das dificuldades que Porto Velho enfrenta. E eu venho trazendo uma proposta diferenciada, porque até agora não vi ninguém falar em ser humano, e pra mim o ser humano tá em primeiro lugar e é a bandeira que eu defendo, ser humano, quero cuidar da criança, do jovem, mulher, adolescente, idoso... eu quero dar dignidade para as pessoas de Porto Velho. Por isso quero agradecer aqui à Justiça que me deu o direito de eu estar aqui participando desse debate, porque senão meu direito teria sido tomado. Eu quero cuidar do povo de Porto Velho pra dar a VOCÊ [apontando para a câmera] o direito que você tem, de saúde, educação, esporte, cultura e lazer. Pode contar comigo! Edvaldo Soares! Número 20, PSC! Grande abraço, muito obrigado a você que acompanha. [nascido em Fátima do Sul-MS em 1966; veio para Rondônia em 1982]

Antes de se começar a analisar como se constitui, na fala dos candidatos, a relação com a cidade de Porto Velho, deve-se fazer a ressalva de que muitos outros elementos são também importantes no que diz respeito à produção da imagem de enunciador; podem-se citar, por exemplo, as diferentes formas por meio das quais os candidatos apoiam-se em representações valorizadas sobre a família e a religião. Devido ao recorte desta pesquisa, porém, serão trazidos à análise, especialmente, os elementos que forem mais pertinentes ao propósito do artigo.

O primeiro candidato a se apresentar, Dr. Breno Mendes, é cearense, mas chegou a Rondônia ainda criança. Após falar de sua família e destacar sua qualificação profissional – a abreviação de doutor consta, inclusive, no nome de urna –, o político começa a se referir à cidade: “Conheço Porto Velho como poucos. Fui morador do bairro Caladinho durante trinta anos, quando o bairro Caladinho ainda era invasão”. É significativo o verbo “conhecer”, que mais à frente relaciona-se parafrasticamente, de certa forma, com “saber” (“eu sei a dificuldade de Porto Velho”); como o candidato não pode dizer que é nascido no município no qual disputa o cargo, a imagem de enunciador que emerge é a daquele que conhece, que pertence à cidade por experiência de vida. Para legitimar essa imagem, refere-se, nominalmente, a um bairro – Caladinho, que ele descreve, não aleatoriamente, como um lugar originado de “invasão” – e a unidades de saúde – UPA Sul, UPA Leste, Ana Adelaide. As várias menções à família (“pai de cinco filhos”, “minha família é muito grande”) integram-se à questão do atendimento médico, em um movimento que sugere ao enunciatário: o político é um homem como você, que frequenta os mesmos lugares (por isso a menção nominal) e passa pelos mesmos problemas. Vale destacar, além disso, como o enunciatário é constituído discursivamente. O único índice de alocação mais explícito aparece ao final da fala:

“você e sua família”; além dele, pode-se dizer que se postula uma relação tácita entre o “eu” (que aparece expresso várias vezes) e “Porto Velho” – a quem, para todos os efeitos, se dirige –, e é nesse vínculo que se produz um “nós” implícito, o conjunto dos que vivem nessa cidade, nascidos ou não, “conhecedores” do dia a dia.

Na apresentação inicial do Sargento Eyder Brasil, a relação do enunciador com o município apoia-se, desde o começo, no efeito de pertencimento vinculado ao local de nascimento: “porto-velhense NATO, nascido e criado aqui”. Na transcrição, foi destacada a ênfase dada à palavra “nato”, por meio da qual se possibilita o sentido de que os outros podem, também, se identificar a Porto Velho, mas não a partir dessa relação umbilical, por assim dizer. Enunciar “nasci nas margens do Rio Madeira” contribui para a legitimação desse sentido. Os concorrentes, ainda que não referidos explicitamente, são colocados em cena, enquanto anti-*ethos*, imagem não valorizada: se não são natos, podem ser sugeridos como forasteiros, alheios à “essência” da cidade. Os índices de alocação ocorrem durante toda a fala: “Olá, meus amigos”, “cuidar de você”, por exemplo. Embora haja a marcação de um eu-tu, o que predomina é um nós inclusivo, funcionamento que pode ser sintetizado por meio do trecho: “único candidato que trouxe aos porto-velhenses a realidade da nossa Porto Velho”. Refere-se, em terceira pessoa, aos porto-velhenses, mas, no fio do discurso, a afirmação sobre seu local de nascimento já o inclui como membro desse grupo, algo que se reforça com “a nossa Porto Velho”.

Hildon Chaves, natural de Pernambuco, buscava a reeleição, tendo acabado como vencedor do pleito. Em sua apresentação inicial, há uma expressão parecida à que ocorre na fala de Eyder Brasil: “nossa cidade de Porto Velho”. No entanto, o nós que se constitui como predominante não é um nós que inclui Porto Velho, mas uma espécie de “equipe”, que trabalha pelo município: “queremos continuar trabalhando por Porto Velho”, “Nós estamos aqui colocando nosso nome”. A imagem que se produz não é a de pertencimento ao município, como ocorre com o político anterior, mas a de seriedade, profissionalismo, numa relação com os porto-velhenses que se constitui como um “atendimento”; a equipe estaria, nas palavras do candidato, “à disposição da população”. Em “levando progresso para”, reforça-se, sobretudo com o verbo “levar”, esse sentido do que é trazido “de fora” para melhorar a vida da população. Da mesma forma que o candidato Dr. Breno Mendes, Hildon Chaves também não pode se afirmar como “porto-velhense”, e nessa condição há a constituição de um eu (prefeito, sob a égide da competência, seriedade), que serve a um tu (Porto Velho, população).

Em seguida, apresentou-se o candidato Leonel Bertolin. Logo no início, o político já marca sua naturalidade, “catarinense”, e diz “vim pra Rondônia em 1983”. Não há uma conjunção adversativa entre as informações, mas é como se houvesse: assumir de forma imediata que é “de fora” é reparado, por assim dizer, pelo fato de viver há mais de trinta e cinco anos no estado. Isso se reforça quando diz: “Aqui em Rondônia eu construí uma vida, construí minha família, estou aqui hoje”. A reiteração do “aqui” é significativa; trata-se de um sujeito que se vincula, no discurso, a mais de um lugar, mas é o “aqui” que se enfatiza (bem como o “hoje”). No trecho “Porto Velho precisa de um prefeito que possa facilitar a vida das pessoas, de quem trabalha, de quem empreende, de quem realmente acredita nessa cidade”, embora não haja uma alocução propriamente dita, há descrições do auditório – “quem empreende” – que possibilitam a constituição de um tu, que é, ao final, retomado com “seu povo”. Vale salientar que, enquanto alguns candidatos falam em “nossa cidade”, o que emerge nesse discurso é “nessa cidade”; não se adota, portanto, um nós inclusivo.

Por sua vez, o candidato Pimenta de Rondônia, nascido no Paraná, faz afirmações enfáticas sobre o tempo em que vive na cidade e no estado, referindo-se, inclusive, aos outros candidatos, com tom irônico: “Eu vivo em Rondônia há cinquenta anos e já há quase quarenta em Porto Velho. Então, cinquenta anos de Rondônia, tem muito candidato que ainda não tinha nascido quando eu cheguei aqui”. Não podendo dizer “sou porto-velhense”, o político apoia-se, para legitimar sua identificação à cidade, no tempo de vivência, devidamente quantificado. Responde-se, de certa maneira, aos “natos”, visto que eles, sob essa perspectiva, não teriam razão ao se valer do local de nascimento como argumento (vale lembrar que o candidato Eyder Brasil havia sido o segundo a falar, antes, portanto, de Pimenta de Rondônia). O uso da palavra “pioneiro” é bastante significativo ao discurso; ela aparece, ao lado de outras, como “bandeirantes”, no hino do estado (verso “Somos destemidos pioneiros”). Afirma-se o vir de “de fora”, mas em uma representação valorizada, vinculada ao desbravamento, sentido que se validaria pela própria história de povoamento da região. Não por acaso, seu nome de urna é Pimenta *de Rondônia*, sendo que o sintagma preposicional possibilita a produção de sentidos, não necessariamente de origem, mas, especialmente, de pertencimento.

O candidato seguinte, Ramon Cujuí, em sua apresentação, destaca a cidade como seu local de nascimento: “Tenho cinquenta anos, sou filho de Porto Velho, sou nascido e criado nessa terra, filho do seu Augusto, da dona Marina. Essa terra é meu lar,

essa terra é minha casa, essa terra é meu aconchego”. Mais à frente, complementa-se essa relação de pertencimento à cidade com um enunciado que poderia emergir – e emerge, de diferentes formas, como observado anteriormente – mesmo no discurso de candidatos não nascidos no município: “Tudo que eu tenho na minha vida eu conquistei em Porto Velho”. Quanto à instauração do enunciatário no discurso, embora haja um nós que se refere ao candidato e sua equipe (nosso nome, nossa candidatura), predomina, na parte final, a constituição de um nós inclusivo em relação à população (nossa cidade, nossa gente), além da expressão “uma Porto Velho pra gente”, que contribui para a identificação de candidato e população a um único grupo.

A apresentação do Coronel Ronaldo Flores, gaúcho e residente em Rondônia há mais de vinte anos, apoia-se em uma imagem semelhante à descrita com relação a Hildon Chaves. A instância fiadora do discurso é a figura do “gestor”, do “administrador”, que tem “uma equipe profissional e técnica capacitada”. A constituição dessa imagem não é desconectada das formas como o político se refere à cidade: fala-se uma vez em “nosso município”, mas “Porto Velho”, “a população de Porto Velho”, “um município tão belo” encontram-se, sobretudo, como um outro, em terceira pessoa, ao qual o político pretende servir. Na parte final da apresentação, outra expressão que reforça a relação entre gestor e gerido é “as pessoas que aqui morem”; diferentemente de “nossa gente”, por exemplo, ela produz certo efeito de distanciamento do eu-gestor em relação ao conjunto de habitantes. Vale salientar que tal distanciamento não resulta necessariamente em uma representação desvalorizada, visto que pode contribuir para a validação de um *ethos* de seriedade, de profissionalismo.

O candidato Samuel Costa, embora nascido em Porto Velho, não recorre, em sua fala inicial, a essa informação para produzir um efeito de pertencimento ao local, como fizeram, antes, Eyder Brasil e Ramon Cujuí. Considerando que as apresentações iniciais do debate não são produções isoladas e que os discursos dos candidatos “respondem”, por assim dizer, uns aos outros, uma suposição plausível é a de que, a partir da apresentação de Pimenta de Rondônia, a menção ao nascimento em Porto Velho, a depender do caso, pode soar com menos força. Ramon Cujuí, que falou logo após Pimenta, foi enfático ao falar sobre ser nascido no município; é importante destacar que ele nasceu em 1970, já Samuel Costa, seu conterrâneo, nasceu em 1989. Não se trata, ao analisar o discurso, de “adivinhar estratégias”, mas é importante considerar que a constituição do *ethos* – em um debate, sobretudo, como enunciação dialogal – é um processo dinâmico, sujeito, portanto, a mudanças de rota. Na fala inicial de Samuel

Costa, há vários índices de alocação, como em “você internauta do Rondoniaovivo, da Rema TV, telespectador” – único trecho em que aparece explicitamente “Rondônia”, no nome do veículo – e expressões que incluem o enunciatário sob a égide de um nós: “nossos irmãos e irmãs”.

Na apresentação do candidato Vinícius Miguel, natural de Goiânia, as menções a Porto Velho remetem, em duas das quatro vezes, ao nome da coligação: “Porto Velho em boas mãos”, nome que dialoga com a imagem de enunciador em que se apoia, a do gestor competente, com equipe técnica, ou seja, alguém que vai atuar como bom administrador. Como ocorre nas outras apresentações de candidatos em que há a produção de um *ethos* semelhante, Porto Velho é referida como um outro, a ser cuidado, atendido; não se fala, por exemplo, em “nossa cidade”, “nossa capital”, “nossa Porto Velho”. O político enuncia ora na primeira pessoa do singular (predominantemente, no início e no fim da fala), ora na primeira pessoa do plural; nas vezes em que se enuncia como “nós”, não se trata de incluir os eleitores, a população, mas a equipe, como em “Nós vamos administrar” e “Faremos a melhor gestão”. Esse funcionamento ajuda a sustentar a figura do gestor, que trabalharia para cuidar, não de si, mas do bem público.

Diferentemente do nós-equipe predominante na fala de Vinícius Miguel, o “nós” da apresentação do candidato Lindomar Garçom transita entre a imagem de gestor – “no nosso trabalho conseguimos destinar bastante recursos” – e o nós inclusivo, que abrange a população numa relação que se produz sob a perspectiva da proximidade – “pela nossa cidade, pelo nosso município”.

O último candidato a se apresentar, Edvaldo Soares, sul-mato-grossense e morador de Rondônia desde a década de 1980, se qualifica como “conhecedor das dificuldades que Porto Velho enfrenta”; apoia-se, portanto, em uma experiência adquirida com a vivência. É também significativa, nessa perspectiva, a menção à profissão de jornalista, que reforça a imagem de sabedor do cotidiano da cidade. O *ethos* calcado no conhecer, na sabedoria prática (*phrónesis*, para a Retórica Clássica) é, ao longo do discurso, complementado por uma imagem de benevolência (*eúnoia*): “Até agora não vi ninguém falar em ser humano”. As outras duas menções expressas a Porto Velho se dão nessa mesma direção: “eu quero dar dignidade para as pessoas de Porto Velho”, “eu quero cuidar do povo de Porto Velho”. Há um eu (“Pode contar comigo”) se dirigindo a um você (“dar a você o direito que você tem”), que recupera, no fio do discurso, “o povo” e “as pessoas de Porto Velho”. O eu, ao menos enunciativamente,

não se inclui no conjunto desse outro, ressaltando a relação de alteridade entre aquele que cuida e aquele que é cuidado.

Considerações finais

A partir das apresentações iniciais dos candidatos, pôde-se observar a constituição de variados *ethé*, cada qual estabelecendo relações específicas entre o político e a cidade. As imagens de enunciador, no que concerne a esse efeito de pertencimento, diferenciam-se entre si, mas também produzem certas regularidades, o que possibilitou, por exemplo, a identificação da semelhança de candidatos quanto ao *ethos*. Para fins de síntese, pode-se apontar três “fiadores” mais recorrentes: o porto-velhense nato, que se representa em uma relação afetiva com o local; o migrante pioneiro, que se representa como conhecedor da realidade da cidade por experiência de vida; e o gestor, que se representa a partir de certo distanciamento, característico das relações profissionais, eminentemente técnicas. As falas de Eyder Brasil, Pimenta de Rondônia e Hildon Chaves, respectivamente, podem ilustrar essas três formas de constituir a imagem de enunciador no discurso político-eleitoral aqui analisado.

No que concerne ao vínculo estabelecido com a cidade, vale destacar a imbricação entre o *ethos* pré-discursivo e o *ethos* discursivo, afinal, pressupõe-se que o processo de constituição da imagem do enunciador instaura-se mesmo antes que este enuncie em dada produção discursiva. Nesse sentido, o *ethos* que poderá ser produzido na enunciação é, em parte, determinado por aquilo que se representa previamente sobre o enunciador, aquilo que, por exemplo, já circula enquanto seus “dados biográficos”. Mesmo que não se trate de conceber tais informações como a atestação de uma realidade empírica, assume-se que aquilo que é divulgado acerca da “vida” dos candidatos tem efeito sobre o funcionamento discursivo em questão. Como exemplo disso, observou-se que muitos dos candidatos não nascidos em Porto Velho, ao não poderem se dizer “porto-velhenses”, apoiam-se na figura do gestor, que se diferencia enunciativamente da população, mas pretende trabalhar para atendê-la. Trata-se de um movimento de legitimação, em que o *ethos* discursivo não pode ser totalmente alheio às representações prévias sobre o enunciador.

No decorrer das análises, pôde-se também considerar o papel desempenhado pelos índices de alocação na produção de sentidos. O modo como os enunciadores instauram a relação com o enunciatário é bastante significativo, sobretudo, se analisado

em paralelo com os “fiadores” que sustentam a legitimidade de cada discurso. Enquanto no *ethos* que se apoia no vínculo afetivo, umbilical com a cidade, tem-se a predominância de um nós inclusivo (candidato + população), no *ethos* do gestor, que emerge na fala de mais de um candidato, a regularidade é outra: tem-se a separação entre um eu (candidato) e um outro (população), na medida em que o segundo é atendido pelo primeiro. Enunciar “nossa” ou “nessa” cidade, portanto, não se resume ao único fonema diferencial, mas contribui para o estabelecimento de variadas relações entre os sujeitos.

As questões relacionadas à constituição da identidade de um grupo são igualmente importantes a este trabalho. Tendo em vista a composição demográfica da cidade de Porto Velho, sobre a qual se discorreu na introdução, a formação de uma identidade “local” tem suas fronteiras muito fluidas, o que possibilita a um candidato, por exemplo, valorizar sua condição enquanto vindo “de fora”, autodesignando-se como “pioneiro” e, efetivamente, como “de Rondônia”. O funcionamento das representações imaginárias que sustentam a figura do “forasteiro” ou, por outro lado, do “desbravador” aponta para a especificidade sócio-histórica dos discursos, que não podem ser concebidos, sob a perspectiva teórica em que este trabalho se inscreve, como produções desvinculadas de uma conjuntura na qual determinados posicionamentos entram em concorrência.

Na seção teórica deste artigo, foi questionado se o *ethos* gentílico, por assim dizer, é suficientemente abarcado pela dimensão categorial, proposta por Maingueneau (2020), junto com as dimensões experiencial e ideológica. A partir desta análise preliminar, pode-se dizer que a identificação ao local (de nascimento ou, de um modo mais abrangente, de pertencimento) funciona, a princípio, como um “estatuto extradiscursivo” que categorize o enunciador – porto-velhense, migrante, pioneiro –, mas suas características (quanto aos índices de alocação e a dêixis instaurada no discurso, diferentes se postos em comparação com outros estatutos extradiscursivos, ligados à profissão, por exemplo) demandam que uma hipotética dimensão “gentílica” do *ethos* seja investigada em estudos futuros.

Com relação à hipótese de que a relação de pertencimento do enunciador à cidade funcionaria como um “tema imposto” no objeto analisado, pode-se afirmar que, ao menos no recorte do debate – e especificamente na conjuntura sócio-histórica em que se inscreve a disputa eleitoral na cidade de Porto Velho –, isso se confirma. Na fala inicial de alguns candidatos, o tema emerge a partir do *ethos* dito, de afirmações

explícitas sobre seu local de nascimento ou sua chegada à região; nas demais apresentações, mesmo quando não há afirmações diretas sobre o vínculo com a cidade, este se manifesta no funcionamento do *ethos* mostrado, sendo observável a partir de elementos enunciativos, sobretudo, os modos de instauração de si e do outro no discurso, que apontam para o efeito de inclusão, ou não, do enunciador como integrante da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Trad. Angela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2018.

BARONAS, Roberto; PONSONI, Samuel. Uma análise de discurso de base enunciativa: notas de leitura sobre o percurso epistemológico de Dominique Maingueneau. **Revista Heterotópica**. v. 1, n. 1. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**. Trad. Angela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. De Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez: 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R; SALGADO, L. (orgs.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Trad. Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PORTO VELHO. **Revisão do Plano Diretor Participativo do Município de Porto Velho -RO**. Diagnóstico Preliminar. Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Gestão. Porto Velho, 2018.

Submetido em: 01/07/2021.

Aprovado em: 07/11/2021.

Como referenciar este artigo:

KHALIL, Lucas Martins Gama. Ser ou não ser daqui: uma análise do *ethos* discursivo nas eleições para a prefeitura de Porto Velho em 2020. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.40, Norte em análise: discursividades. 2021, p. 1-21.